Afonso Arinos, uma Vida Vertical

Francisco Marialva Mont'Alverne Frota

Afonso Arinos já crescia na minha admiração, mercê do conhecimento esparso de sua alentada obra e, mais ainda, do consagrado exercício político, vincado na tribuna da liderança da União Democrática Nacional, onde se revelou possante orador, igual aos melhores que nos deu a República, empolgando a Nação durante o período final de Vargas, no qual, em defesa da pureza republicana, se ergueu em destemido contestador, quando vim a conhecê-lo.

No círculo reduzido do curso de mestrado, na Faculdade de Direito do Ceará, Paulo Bonevides, publicista de mérito, trazia, para o seu Magistério de Ciência Política, repetidamente, teses e citações de Afonso Arinos, como a nos indicar o esteio mais vigoroso e atarente do moderno constitucionalismo brasileiro.

A aceitação da obra de Afonso Arinos foi tamanha entre os componentes daquele núcleo de pós-graduação que, não bem poucos, como eu, à guisa de conhecer o homem, cuidaram em adquirir e ler, se não toda, pelo menos, a parte de sua obra que nos despertava maior atenção, ou aquela que melhor se identificava com a nossa inclinação.

O **Estadista da República** foi sempre um livro aliciante para mim, não só pela prosa enxuta, como pelo painel magnífico das instituições republicanas que pode levantar Afonso Arinos, no qual surge, pela mão devotada do montanhês, a figura oracular de Afrânio de Melo Franco, que exerceu, pelos dotes diplomáticos e políticos de que era animado um consulado, em acentuado período político, o que lhe valeu, quando mais irrefutável era a sua liderança, o título de Regente.

Sempre cri que o livro biográfico, tão igual ao que do pai trabalhara também Joaquim Nabuco, é, na obra de Afonso Arinos, a seção mais densa, em que se aliou, harmoniosamente, o historiador e o exegeta de larga vivência política.

A memorialística afonsina é outro ângulo que indica a garra do estilista, o "aplomb" do político, o desnudamento da alma de Arinos, desde a infância, às margens do Leman, até o pináculo do exercício de Ministro de Estado das Relações Exteriores, no Planalto.

As memórias de Afonso Arinos são, ao lado das de Gilberto Amado e Pedro Nava, evidências da maturidade da literatura brasileira.

Estava consciente que os lances da vida política de Afonso Arinos estavam em suas raízes decantados em **Alma do Tempo, Escalada** e **Planalto**, o que motivou debruçar minha atenção para eles e, ao lê-los, não identifiquei desmaio de palavra ou compromisso empenhado, comentário ferino ou linguagem torpe. O encanto das memórias é, de fato e sobretudo, de ser um asseio rociado de emoções, ternuras, onde, às vezes, se depara com um armado cavaleiro portando afiado florete, como destemido cruzado, a defender a pureza do ideal republicano, pronto a vibrá-lo à primeira estocada. Mas corre, é verdade, leite e mel nestas páginas afonsinas, ora descrevendo Roma, ora esculpindo, com firme cinzel, o perfil dos parlamentares do seu tempo ou evocando com reprimida emoção a vida de Virgílio, que me parece ter exercido um alumbrante fascínio em sua mocidade, pelo que tinha o mano de perdulário, comunicativo e permeável.

Já estava em São Luís quando Afonso Arinos, alargando a sua cátedra, em visita ao Meio-Norte, aqui chegou para proferir conferência na Fun-

dação Universidade do Maranhão, à convite do seu confrade Josué Montello, e a que chamou de: **Visão do Brasil Futuro.**

Abalancei-me, nesse ensejo, a traçar-lhe o perfil, publicando-o no mesmo dia de sua conferência, em "O Imparcial", sob o título: **O Mestre Afonso Arinos,** etstemunhando a impressão que, do seu nobilitante exercício político, guardara a minha geração, inquietada por tantas perplexidades.

Ao lhe ser apresentado por Josué Montello recebi provas de sua reconhecida polilez, o que me causou gáudio interior, porquanto inferi que o diplomata havia captado, ao lado da minha admiração pessoal, o agradecimento da minha geração ao exemplo de vida honrada e do exercício político arredio aos corrilhos partidários, o que o alçou como forte expressão parlamentar da República.

Acredito que a juventude não deve estar divorciada do convívio com expressões da liderança política nacional, pois salutar lhe será tal convívio. o que, de último, ensejará exemplos dignificantes que hão de ser estímulos para os embates da vida.

Ao conversar com Afonso Arinos, no Hotel Central, entreguei-lhe cópia do Contrato de Obras do Porto de São Luís, firmado por seu pai, Embaixador Afrânio de Melo Franco, Ministro da Viação e Obras Públicas, por saber que no **Estadista da República** tal fato não fora relatado. Não era só isto, entretanto.

Havia uma razão mais afetiva que me impeliu a fazer a entrega da cópia do histórico documento: desejava enfatizar, à véspera de sua visita ao Porto do Itaqui, que Afrânio de Melo Franco com os maranhenses se irmanou, vinculando-se ao secular processo reivindicatório da construção de ancoradouro que servisse de porta atlântica do Meio-Norte.

É, contudo, bem mais remota a teia afetiva que une Afonso Arinos a estas terras amoráveis do Maranhão.

Uma das recordações mais pungentes da infância de Afonso Arinos foi participar da visita que fez Afrânio a Raimundo Correia, em Paris. Quem leu aquele trecho de **Alma do Tempo** notou que, à memória do escritor, saltou a impressiva lembrança de estar sentado no próprio catre em que o Poeta, roído pela doença, conversava com seu Pai.

Talvez haja sido Raimundo Correia o primeiro grande poeta de que Afonso Arinos se aproximou e o que é marcante, o que nos toca profundamente, é a repetição do exílio a que, como maldição, se encontrava o vate, seguindo, inexoravelmente, a trilha de expatriação que chumbou o nosso maior romântico — Antonio Gonçalves Dias.

Ao ler nos jornais que Afonso Arinos havia sido jubilado como catedrático, rebentou na minha memória o fato de que, ao postular a cátedra de Direito Constitucional, um dos seus opositores era o **Senador Clodomir** Cardoso, orador fulgurante e estilista do melhor. É, sem dúvida, mais uma marcante vinculação maranhense na vida vertical deste filho de Belo Horizonte.

O terceiro elo que une Afonso ao Maranhão não poderia ser outro que o Porto do Itaqui, o que, aliás, é mais um passo que semelha sua vida à do Pai, que me parece, em alguns ângulos, como que superpostas uma à outra:

Afonso Arinos de Melo Franco doou à Biblioteca Nacional precioso cimélio, pertencente à biblioteca de seu Pai, ensejando a que os maranhenses conhecessem o **Diário de Frei Manuel Moreira Paixão e Dores, Capelão da Esquadra do Marquês do Maranhão.**

É nesse Diário, cuja publicação se deve a Afonso Arinos, que se encontra uma das mais verazes e antigas afirmativas sobre a incontestada profundidade do nosso ancoradouro.

O Diário do Capelão de Lord Cochrane é uma prova histórica que Afonso Arinos põe as maos dos maranhenses em defesa da reivindicação da opção ferroviaria do minerio de ferro da Serra dos Carajás, que é, no momento, assunto inusitado.

Vida plena de realizações, Afonso Arinos voltou-se, agora, mais que antes, para o seu ideal de escritor ,edificando-nos com a biografia do Conselheiro Rodrigues Alves, com o mesmo vigor com que trabalhou a do Afrânio.

Infatigável, Afonso Arinos, atento às crises atuais, estuda os **Problemas Brasileiros** e, afeito ao oficio, analisa com acuidade o **impasse ultramarino** que arde sobre Lisboa.

Setenta anos fez Mestre Afonso Arinos, colhendo, nos mais diversos círculos da Nação, a homenagem dos seus contemporâneos, pela vida vertical que construiu, pelo exemplo dignificante que deu de si, honrando o nome do Pai; servindo de paradigma a quantos vejam na política a arte do cidadão em defesa dos legítimos interesses do povo.

É a esse homem que levamos mais um testemunho de agradecimento, tão ponderável foi a sua participação no aprimoramento das instituições republicanas.

Não há de ter saudades do passado Afonso Arinos, ele, que tão bem guardou-o com o encanto do seu estilo terso nos seus livros, ressuscitando-o para si e para nós, transformando-o em exemplos memoráveis para a mocidade. E ele disse tão bem: **o passado só nos livros fica vivo.**

A vida de Afonso Arinos é daquelas que nos parece modelar, no plano familiar ou na arena política a que tanto se dedicou.

Aos setenta anos, carregado de prestígio, honrado, sobretudo, ganha o nosso entusiasmo, pois quem o acompanha não pode deixar de patentear que, pelo fulgor da inteligência, ele, Afonso Arinos é um mar alto na política nacional que nos deu Minas, pródiga de homens do quilate de Bernardo Pereira de Vasconcelos.

Talvez, quem pode duvidar, tenha ocorrido a Afonso Arinos, na manhã dos seus setenta anos, o balanço imponderável da alma do seu tempo, perpassando, na película proustiana de suas recordações, o quadro evanescente do casarão de Copacabana, a visão aterradora da febre espanhola, que aluiu na casa de seu Pai a coluna matriz.

A doença de Caio, a sua enfermidade pulmonar, os encantos dos bailes de Petrópolis, os versos de Ribeiro Couto e de Odilo Costa, filho, os encontros com Manuel Bandeira, o discurso acadêmico ao Rosa, tudo há de etr desfilado ante a sensibilidade mineira de Afonso Arinos.

Os mangueirais, a flor de manacá hão de ter povoado o seu lar, rebentando saudades da casa da Rua Dona Mariana.

Quem sabe se, nesse mergulho retrospectivo, não tenha o emérito constitucionalista verificado que a sua vida é a medida da de seu Pai.

Na última vez que o vi, na Academia Brasileira de Letras, no dia mesmo do prélio que consagrou Américo Jacobina Lacombe, como integrante da Casa de Machado de Assis, conversei com ele e senti, pelo brilho dos olhos, pelo riso largo, a impressão que lhe causara o Maranhão. Da Avenida Presidente Wilson, após aquele encontro, segui para as Laranjeiras, levando à mão a biografia de Rodrigues Alves, com uma dedicatória que me comoveu.

Do Maranhão, desta Ilha gonçalvina, chegará, esperamos, até a Afonso Arinos, em toque de clarinete, o aplauso coletivo à sua vida, reta como o fio da navalha, fecunda do plano de realizações, o que o tornou consumado humanista.

São Luís, (MA), 03.12.75.